

# 'Duas baleias no oceano'

O país que vai sediar o Fórum Social Mundial tem muitos pontos em comum com o Índia.

**Tesouros da Índia para a civilização sustentável**, de Maurício Andrés Ribeiro. Rona Editora, 239 páginas. R\$ 45

**Diálogos tropicais — Brasil e Índia**, organizado por Dilip Loundo e Michel Misse. Editora UFRJ, 220 páginas. R\$ 40

Elias Fajardo

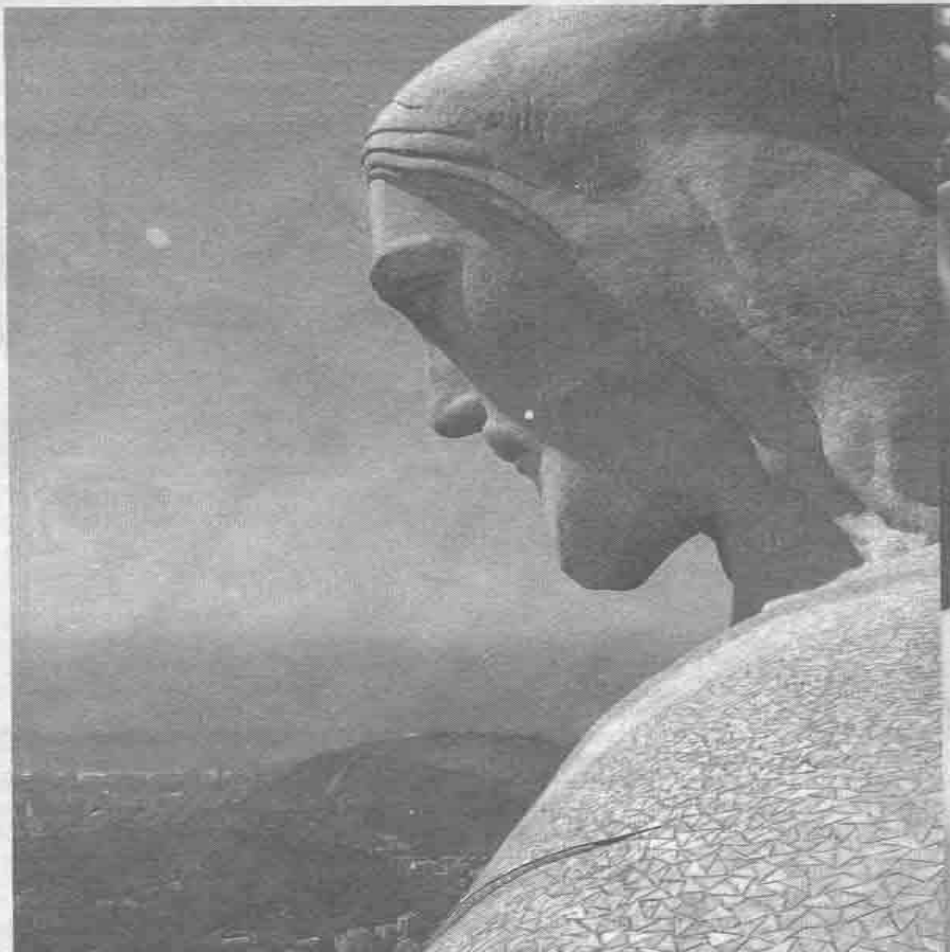
O chakra que fica entre os olhos e nos permite perceber o mundo com sabedoria talvez seja o mais indicado para guiar o olhar de quem procura refletir sobre Brasil e Índia, os dois maiores países tropicais do mundo. O eco-economista Ignacy Sachs, que estudou em uma universidade brasileira e em uma indiana, chama os dois países de "duas baleias no oceano global" e propõe que sejam os líderes de um diálogo Sul-Sul, os únicos com condições de fazer frente ao excesso de poder e de tecnologia que hoje os países do Norte detêm.

Dois gigantes em matéria de território e de população, Brasil e Índia têm em comum o clima, a biodiversidade, o contraste entre pobreza extrema e riqueza, a luta pela afirmação de suas nacionalidades, a pujança cultural, a multiplicidade de seitas religiosas, a tolerância que permite a convivência de contrários no mesmo espaço físico e simbólico e muitos desafios. E agora, após as edições brasileiras, o Fórum Social Mundial será realizado este mês em Mumbai (antiga Bombaim), de sexta-feira, 16, ao dia 21.

## Versos de Cecília Meireles dedicados à Índia

A própria história colocou um no caminho do outro: foi ao buscar uma via marítima para as Índias que os portugueses acabaram dando com os costados no Brasil e as viagens das plantas que então promoveram — trazendo a manga e o coco indianos para o Brasil, levando para a Índia o nosso caju e para a África a mandioca — foi um dos fenômenos mais significativos iniciados no século XVI.

Daí talvez o fascínio que brasileiros sempre sentiram pela



À ESQUERDA, O CRISTO; à direita, monge budista reza em cerimônia de iniciação.

cultura indiana. No Brasil Colônia, embora proibido, navios da Carreira das Índias faziam escalas em portos brasileiros e era comum encontrar, nos tabuleiros dos escravos que os donos mandavam ir oferecer mercadorias nas ladeiras de Salvador, cortes de chita, incenso e bijuterias indianas, compradas ilicitamente nos navios em trânsito. Mais modernamente, Cecília Meireles, poeta, educadora, visitou a Índia e dedicou ao país alguns de seus mais belos versos.

"Eu vi o mundo recoberto/ pela manhã de claridade/ da incandescente eternidade", escreveu Cecília, insinuando o que poderiam ser as diferenças entre os dois universos. Na Índia, uma manhã cristalina remete à eternidade, já que inúmeras civilizações e colonizações superpostas no tempo e no espa-

ço criaram uma estrutura cultural e religiosa que nos leva muito além dos limites corriqueiros de percepção. Enquanto isto, no Brasil, as portas para o passado foram cortadas com a chegada dos portugueses, a pré-história nos é quase desconhecida e sequer sabemos que o anzol, esta ferramenta básica que tem ajudado a matar a fome ao longo dos séculos, é uma herança dos antigos habitantes do território brasileiro.

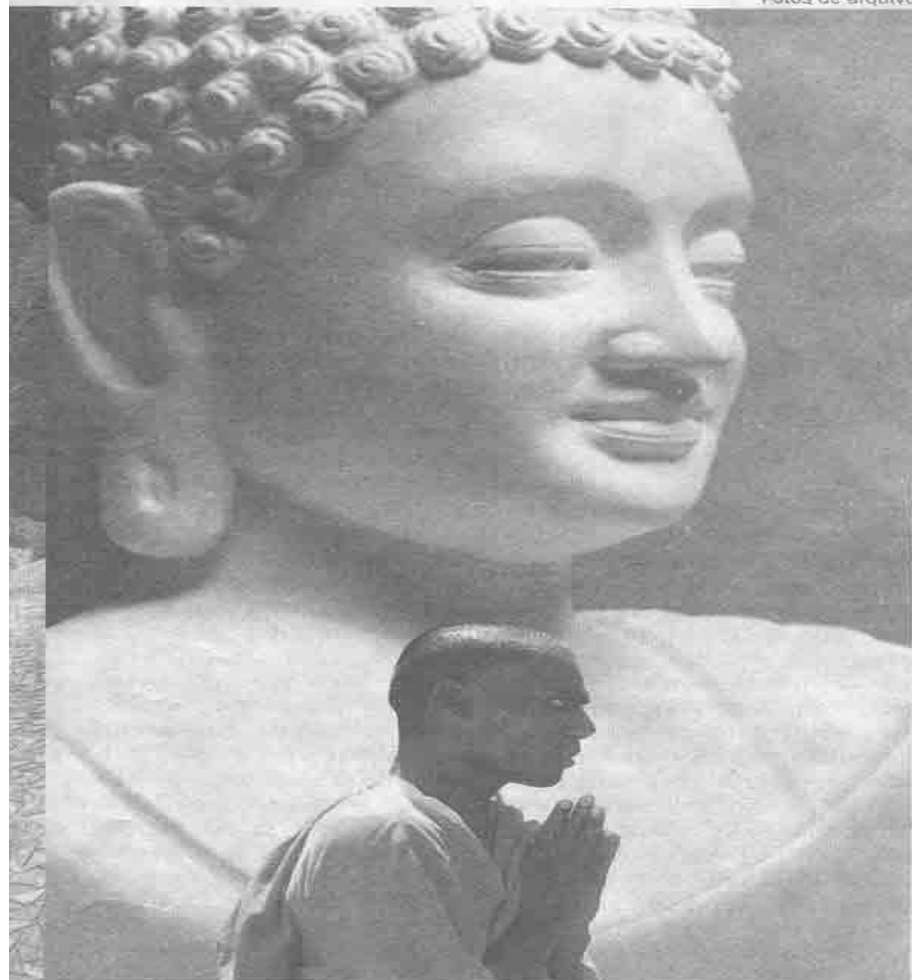
Além disto, quando os europeus chegaram aqui e se deslumbraram com a nudez dos nativos, a fervilhante Bombaim já era uma metrópole com milhares de pessoas, onde algumas também andavam nuas e com o corpo pintado de preto em sinal de devoção.

"Tesouros da Índia", mais que um livro, é um ato de amor. O autor, um arquiteto,

# no global': Brasil e Índia

Pontos em comum com o nosso, como biodiversidade e clima

Fotos de arquivo



Iniciação: multiplicidades de seitas religiosas fazem parte do Brasil e da Índia

viveu um ano naquele país e descreve com clareza e emoção os mitos, a história e as soluções ambientais indianas.

Já "Diálogos tropicais" é mais sociológico e tem artigos de boa qualidade, com destaque para os textos de Vinicius Nobre Lage, Ricardo Mário Gonçalves, Vamireh Chacon e Dilip Loundo.

Os números expostos nos dois volumes impressionam: a partir de políticas públicas que privilegiam os menos favorecidos e começaram a ser implantadas ainda no tempo de Mahatma Gandhi, a Índia hoje está diminuindo com bastante intensidade as distâncias entre ricos e pobres. Para isto contribuíram desde a divisão de terras (já não existem latifúndios) até o engajamento dos cientistas em projetos que beneficiam a maioria. Mudanças simples e

baratas nas bombas manuais de água das aldeias indianas beneficiaram mais de seis milhões de pessoas.

E mais: tendo de conviver com a superpopulação e a falta de recursos, os indianos desenvolveram mecanismos que reduzem ao essencial até mesmo os atos vitais básicos como respirar ou alimentar-se, como mostra o livro de Maurício Andrés Ribeiro. Consumindo o mínimo de alimento, usando o ar para irrigar o corpo de energia e controlando as funções vitais, parte dos indianos pode viver melhor e mais integradamente com a natureza. O ideal de uma vida contemplativa com baixo consumo indica caminhos mais corretos do que uma civilização baseada no ter e na competição desvairada.

No setor de distribuição de renda o Brasil não tem nada do

que se orgulhar, mas pode mostrar ao mundo e aos indianos que uma política pública bem orientada e uma visão menos preconceituosa da sexualidade fez do nosso programa de controle da Aids uma iniciativa bem-sucedida. E a diminuição da nossa mortalidade infantil também surpreende, sobretudo porque realizada basicamente por trabalho voluntário.

## A violência sexual que não está nas estatísticas

Um contato maior entre os dois países tem, pois, muito a ensinar a ambos, mas é preciso não olhar a Índia com olhos nublados pela idealização. Nos dois livros se comparam níveis de violência brasileiros e indianos e é denunciada a escalada de mortes e assaltos no Brasil, fruto da miséria e da entrada da droga em grande escala. Se isto é inegável, por outro lado é perigoso dizer, como fazem alguns dos autores, que a Índia é menos violenta que o Brasil. Quem viu o filme "Casamento indiano" percebeu a violência sexual surda que permeia relações de classe e não aparece nas estatísticas. E nenhum dos autores citou o fato de que a Índia é um dos poucos países com mais homens do que mulheres, porque, nas aldeias, os pais costumam matar as filhas ao nascer ou deixar de alimentá-las para que morram de fome: os casais de castas mais baixas não querem ficar endividados com os dotes que deverão dar às filhas. Neste caso, é interessante a conclusão do artigo de Michel Misse: as violências dizem muito sobre a complexidade das sociedades e sobre o estado em que se encontram suas instituições.

Índia e Brasil, para o bem e para o mal, estão em mutação. E neste cenário é de se lamentar que a modernização nas cidades indianas esteja acabando com costumes de simplicidade e cultivo da vida interior. Enquanto isto, entre nós, resta torcer e agir para que as mudanças matem não só a fome de comida mas também de conhecimento, justiça social e respeito às diferenças que conduz à fraternidade. ■

ELIAS FAJARDO é jornalista